

OS CONCEITOS DE *FRAME* E CONTEXTO: ANÁLISE DO VERBETE SINISTRO

FRAME AND CONTEXT CONCEPTS: SINISTER ENTRY ANALYSIS

Irrane Meneses LINHARES (UnB)

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é analisar os *frames* e os contextos dentro do verbete sinistro, por ser um lexema de diversos significados e bastante recorrente na Língua Portuguesa. O referencial teórico se baseia principalmente nos estudos sobre *frame* e contexto nas perspectivas de Fillmore (1977), Halliday e Hasan (1989), Van Dijk (2012) e Morato (2010). Utilizamos a metodologia de cunho qualitativo e natureza interpretativista, posto que favorece os pontos de vista do pesquisador, bem como um caráter de interpretação dos dados de forma satisfatória. Nos percursos metodológicos, utilizamos o programa Sketch Engine, a fim de analisar a frequência do verbete sinistro. Também averiguamos as acepções do verbete em foco nos Dicionários Aurélio (2008) e Houaiss (2009), por serem obras lexicográficas de referência. Como resultado da pesquisa, propomos a redação do verbete sinistro envolvendo as noções de *frame* e contexto elencadas nesse estudo.

213

PALAVRAS-CHAVE: *Frame*. Contexto. Verbetes sinistro.

1 Introdução

Os estudos no campo cognitivo atraíram inúmeras teorias e até hoje buscam compreender diversas esferas do conhecimento. Como motivação para essa temática, o recorte dessa pesquisa envolve os conceitos de *frame* e contexto numa perspectiva linguística. É necessário entender como os usuários da língua compartilham e interagem o discurso, pois são responsáveis pela sua construção de forma social.

O conceito de *frame* é amplamente debatido nas ciências por ter um caráter emblemático. Os *frames* podem ser entendidos como unidades de conhecimento, em que contém informações acerca de determinada situação. Eles são responsáveis cognitivamente pela maneira como os indivíduos relacionam informações. Fauconnier (1999, p.1) considera que há uma “fonte de dados inesgotável”, visto que produzimos diversas cenas enunciativas cotidianamente.

Atrelada à noção de *frame*, o contexto representa a maneira como associamos nossos eventos comunicativos. Van Dijk (2012, p. 107) defende que o contexto é crucial para que haja conhecimentos socioculturais e crenças compartilhadas.

Diante do exposto, o objetivo dessa pesquisa é analisar os *frames* e os contextos dentro do verbete sinistro, por ser um lexema de diversos significados e bastante recorrente na Língua Portuguesa.

2 Referencial teórico

2.1 *Frames*

A Semântica Cognitiva, subárea da Linguística Cognitiva, buscou explicar o conceito de significado, fixando-se ao processo de categorização e às experiências. Para que o sujeito possa sistematizar as coisas no mundo, faz-se necessário o uso

da capacidade mental de raciocínio, além de suas experiências. Feltes (2007, p. 88) define o termo experiência como “um funcionamento ativo como parte do ambiente natural e social”.

Vários são os autores que tentam definir a noção de *frame*. Esse termo, de grande interesse nos estudos linguísticos, possui complexidade. A dificuldade na definição se dá pelo fato de haver outros termos para apresentar como o indivíduo constrói a experiência no mundo. Morato (2010, p. 94) apresenta termos alternativos que denotam uma semelhança com *frame*: contexto, prática, sistemas de referência, enquadre, esquema, conhecimento prévio, situação social, *script*, moldura comunicativa. Contudo, a autora salienta que não são a mesma coisa.

Para Goffman (1974), os *frames* podem ser assemelhados à noção de enquadres. O autor afirma que os enquadres são “agentes de mudança e de condução do envolvimento interacional”. Essas estruturas estão interligadas à linguagem, visto que os indivíduos podem reconhecer e modificar essa interação.

Fillmore, teórico americano da área de Semântica Cognitiva, apresentou a Semântica de Frames como “parte da hipótese de que o aparato conceptual humano é constituído não por conceitos isolados, mas por conjuntos conceptuais internamente estruturados” (SILVA, 1999, p. 20).

Os conceitos-chave na Semântica de Frames são cena, esquema e *frame*. Fillmore (1975, p. 82) define cena como “experiências do mundo real, ações, objetos, percepções e memórias pessoais.” Os *frames* são unidos na memória com outros *frames*, do mesmo modo que as cenas são associadas com outras cenas (Id., 1977, p. 127). Com isso, a cena pode impulsionar o *frame* e vice-versa.

De acordo com Fillmore (1977, p. 77), o estudo da semântica faz referência às cenas cognitivas que são criadas ou ativadas por meio de enunciados. O autor exemplifica que quando um falante quer usar uma determinada palavra em um evento, a cena completa do evento é ativada, contudo, a palavra essencial impõe à cena uma perspectiva particular. Isso significa dizer que alguém que compreende o enunciado carrega em sua mente a cena de todos os componentes necessários para o evento. Então, os lexemas relativos à cena são os *frames*. O agrupamento de *frames* dá origem ao esquema desse evento.

Van Dijk (2012, p. 97) propõe o conceito de *frames* cognitivos, que são os conhecimentos necessários para as “coisas do mundo”. Uma vez mentalizados, nos auxiliam para a adequação nos atos de fala. Esses tipos de *frames* são unidades de conhecimentos que o indivíduo apreende segundo alguns conceitos responsáveis pela organização dos eventos e das situações.

Nos estudos de Van Dijk, o objetivo primordial é a expansão da semântica do discurso em que o ponto central é a representação cognitiva estruturada com a categorização de *frames* em esquemas e subesquemas. Para o teórico, existem interação social e práticas comunicacionais nas estruturas linguísticas e nos processos cognitivos. Com isso, a noção de *frame* está inserida no escopo do processamento textual, de maneira que está relacionada com a representação cognitiva do conhecimento de mundo. Isso significa dizer que uma categoria pode abranger outros distintos modelos cognitivos.

Para Morato (2010, p. 98), há duas abordagens com visões diferentes para explorar a noção de *frames*. Para os que seguem a abordagem externalista, o *frame* está associado ao processo de interação. Já para a abordagem internalista, o *frame* se relaciona com os esquemas cognitivos de conhecimento que os interlocutores ativam em seus atos de comunicação.

Ademais, a autora aponta a noção de *frame* como forma de conhecimento, que podem ser vistos como interacional (quando há enquadres interativos) e também semântico (quando há esquemas de conhecimento). Além disso, é importante salientar a concepção de *frames* interativos, que se estabelecem no enquadramento social dos falantes e no contexto interacional local em que estão imersos.

Na próxima seção, faremos uma revisão sobre os aspectos do contexto que merecem destaque para a análise dessa pesquisa.

2.2 Contexto

A caracterização do termo contexto engloba todo o ambiente, seja na linguagem falada ou escrita. Para Eggins (2004, p. 87), há uma relação em que o contexto está presente no texto e todo texto carrega aspectos do contexto. O texto sempre aponta para um contexto externo e a ele remete sua interpretação. Portanto, quando lemos algum texto, sempre há marcadores de contexto, quer estamos conscientes ou não. Halliday (1989, p. 5) afirma que texto e contexto “são aspectos do mesmo processo”.

Em consonância com o proposto por Eggins, Van Dijk (2012, p. 97) mostra que nosso conhecimento geral é ativado de acordo com os modelos mentais e depende do contexto, ou seja, dos objetivos, dos interesses, do conhecimento do leitor, bem como o ambiente. Com isso, os modelos mentais e os conhecimentos estão associados às nossas experiências pessoais. O autor corrobora que o aprendizado baseado nas experiências está associado aos processos de generalização e abstração a partir dos modelos mentais.

Assim, Van Dijk apresenta que não necessitamos de novos modelos mentais em cada situação, posto que as nossas experiências fazem com que consigamos compreender os eventos. Van Dijk (2012, p. 107) aponta que o contexto é como um modelo mental de nossas experiências cotidianas, ou seja, a forma como lidamos e interpretamos o que acontece ao nosso redor não é diferente de quando interagimos em outros eventos. Os modelos de contexto são responsáveis pelo modo de organização da estrutura do discurso. Além disso, eles têm características semelhantes às experiências, como o fato de serem pessoais, podem comportar emoções do que acontece, são dinâmicos e atualizados com frequência.

O estudo sobre contexto equivale na possibilidade de “interpretar fatos, dados, eventos e mudanças” (AKMAN & BAZZANELLA, 2003, p. 322). Ademais, o contexto pode ser percebido dentre os vínculos de relação e produção dos interagentes, além de ter como função o estabelecimento de significado (Id, *ibid*, p. 322).

Segundo Matthiessen e Halliday (2009, p. 88), o contexto pode ser definido como “sistema semiótico de mais alto nível no qual a linguagem está ‘encaixada’”. Entendemos que especificamente a linguagem está inserida na cultura ou no sistema social. O contexto, sendo materializado pela linguagem, “significa que ele cria e é criado pela linguagem” (MATTHIESSEN E HALLIDAY, 2009, p. 88).

Halliday, ao adotar a teoria sociosemiótica, define a ocasião de uso da linguagem para diferenciar contexto de situação e contexto de cultura. De acordo com Hasan (1996, p. 37), cada contexto de situação denota um sistema de relevâncias motivadoras para o uso da linguagem. Isso demonstra que a linguagem media uma determinada atividade humana e a interação entre seus participantes. Então, numa relação dialética, o contexto de situação constitui uma força dinâmica na interação.

Halliday e Hasan (1989, p. 47) destacam que, “na descrição do contexto de situação, é importante basear-se em alguma indicação das circunstâncias culturais.” Os autores ainda propõem três conceitos-chave para descrever um contexto de situação específico: campo, relações e modo. A noção de campo refere-se à atividade do agente, isto é, ao conteúdo que o falante trata e seus objetivos. As relações dizem respeito aos participantes da interação e seus papéis. O modo, por sua vez, faz referência à função que a língua desempenha no momento da interação. Para essas três variáveis do contexto de situação, a linguagem exerce uma metafunção: ideacional (no nível do campo), interpessoal (no nível das relações) e textual (no nível do modo).

Cornish (2009, p. 107) aponta três grandes eixos para o contexto: discursivo, textual e situacional. Eles não estão no mesmo nível. O contexto situacional representa a posição mais relevante, pois sem ele, não há discurso e nem texto. Dessa forma, todos os eventos comunicativos estão embasados em algum contexto.

Na seção seguinte, apresentaremos a metodologia que serviu de embasamento para esta análise.

3 Metodologia

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e de natureza interpretativa. Flick (2009, p. 23) descreve alguns aspectos da pesquisa qualitativa, como: apropriabilidade de métodos e teorias, reflexividade do pesquisador e da pesquisa, além da variedade de abordagens e de métodos. Também o autor indica que esse tipo de pesquisa explora a perspectiva do pesquisador em campo como visão explícita da produção de conhecimento. O pesquisador externaliza suas reflexões, observações em campo como parte da interpretação.

A natureza interpretativa da pesquisa remete ao “interesse central no significado humano na vida social e na sua elucidação e exposição por parte do investigador” (Erickson, 1986, p. 119). Isso significa dizer que esse tipo de pesquisa apura os pontos de vista do pesquisador.” Merriam (1988, p. 10) destaca que, na abordagem interpretativa, há uma possibilidade de interpretação do contexto.

4 Análise do verbete sinistro

Inicialmente, buscamos a etimologia do lexema e constatamos que a palavra sinistro é de origem latina. De acordo com o Dicionário de Latim-Português (2001), o verbete sinistro possui as seguintes acepções:

Quadro 1 - verbete *sinister*

Sinister, tra, trum

Adj

1 esquerdo, do lado esquerdo; *manus sinistra*, mão esquerda; *ripa sinistra*, margem esquerda;
 2 na linguagem dos áugures: a) de bom presságio, favorável, feliz (segundo o rito romano, olhando os áugures o sul e com o oriente à esquerda); b) (sentido mais frequente) de mau presságio, desfavorável, funesto, sinistro (segundo o rito grego, olhando os áugures para o norte e com o oriente à direita);

3 mau, perverso, pérfido;

mores sinistri ov caráter perverso

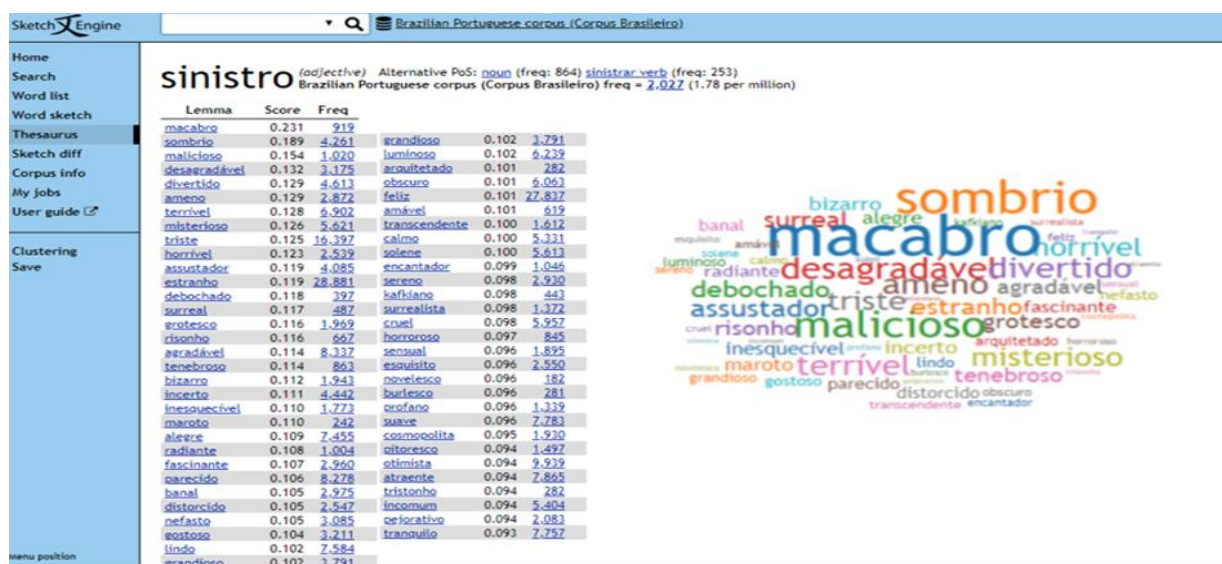
4 funesto (em geral);

Notus arboribus sinister v o noto funesto às árvores

Fonte: Dicionário de Latim-Português (2001)

Posteriormente, verificamos a frequência do verbete sinistro no Corpus Brasileiro utilizando o programa Sketch Engine, que é “uma ferramenta de *corpus* de ponta, amplamente usada em lexicografia, que oferece corpora disponíveis para uso, bem como ferramentas para que os usuários construam e realizem o *upload* e instalação de seus próprios corpora”, conforme Kilgarriff et al (2014).

Figura 1 - frequência do verbete sinistro no programa Sketch Engine



Ao consultar o programa, constatamos que as ocorrências da palavra sinistro é de 2.027, ou seja, 1,78 por milhão. Portanto, é uma palavra recorrente na língua portuguesa. Dentro do Corpus, embora os *frames* mais frequentes de sinistro possuam caráter negativo, como por exemplo macabro, sombrio, malicioso. Há *frames* que denotam cenas positivas, exemplificados pelos sentidos de divertido,

agradável, surreal. No Sketch Engine, os contextos encontrados são situacionais, bem como os *frames* são interacionais, pois há capacidade de serem potencializados de acordo com o caráter pragmático da língua.

Consultamos o verbete sinistro nos Dicionários Houaiss (2009) e Aurélio (2008), por serem obras lexicográficas de destaque no Português do Brasil. A palavra pode assumir duas classes gramaticais, dependendo de sua relação morfológica: substantivo ou adjetivo.

Não encontramos, em ambos os dicionários, alguma acepção do verbete sinistro que denote como algo bom, surpreendente. Isso demonstra o caráter dinâmico do léxico, à medida que se tornam necessárias novas formas de comunicação. Contudo, as acepções analisadas nos dois dicionários são fixas.

Rey (1977) corrobora que o léxico de uma língua é “classe aberta, indicando que o conjunto de palavra de uma língua sempre se renova”. As palavras estão possibilitadas a receberem novos *frames*. Elas trazem novas cenas enunciativas. Desse modo, há acepções que não foram lexicografadas ainda.

Quadro 2 - verbete *sinistro*

<p>SINISTRO adjetivo 1 <i>Uso: formal.</i> que usa preferencialmente a mão esquerda (diz-se de pessoa); esquerdo, canhoto 2 que pressagia acontecimentos infaustos; agourento, funesto 3 que é pernicioso; mau 4 que se deve temer; assustador, temível substantivo masculino 5 acontecimento que causa dano, perda, sofrimento ou morte; acidente, desastre 6 prejuízo material de grande monta 7 <i>Rubrica: termo jurídico.</i> qualquer dano havido em bem colocado no seguro</p>

Fonte: Dicionário Houaiss (2009)

Quadro 3 - verbete *sinistro*

<p>SINISTRO Adjetivo 1 esquerdo 2 de mau agouro. 3 que infunde receio 4 mau, maligno Substantivo masculino 5 desastre, ruína 6 ocorrência de prejuízo ou dano (incêndio, etc.) em algum bem segurado.</p>

Fonte: Dicionário Aurélio (2008)

Considerações finais e resultados

Como produto de nossa pesquisa, propomos a redação do verbete sinistro de maneira que englobe os diversos *frames* interacionais e contextos situacionais encontrados durante o estudo. A microestrutura do verbete, que “é formada pelo conjunto de informações que compõem os verbetes; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada” (FAULSTICH, 2010, p. 169), será formada por: palavra-entrada, separação silábica, classe gramatical, definição, marca de uso, além de contexto extraído do Corpus Brasileiro do Sketch Engine.

Quadro 4 - proposta de verbete

<p>SINISTRO – si.nis.tro</p>

Adjetivo

1 Aquilo que é mau, que possui presságio ruim

Nessa sinistra estatística, cada número representa uma vida exterminada, um lar perdido, uma infância destruída.

2 Assustador, temível

É justamente a ausência dos princípios democráticos e a presença marcante de uma pedagogia da submissão, da força e da intolerância que respondem pela face sinistra do Estado Novo.

3 Surpreendente, incrível.

O conflito entre pequenos rancheiros e grandes criadores ou o duelo sinistro entre o pistoleiro sádico feito por Jack Palance e um rancheiro.

4 Algo muito bom

...apenas para desfilas em Miami de bermudas cor-de-rosa e gargalhar com amantes em sinistros restaurantes.

5 Marca de uso: *gíria*. Tenebroso, estranho

6 Marca de uso: *gíria*. Extraordinário, espetacular, sensacional

Substantivo

5 Pagamento de prejuízo ou dano de um bem segurado

Ela também recebeu R\$ 33 milhões para cobrir as despesas com os sinistros – parte do pagamento foi feita com um prédio público, colocado à venda pela Sul América.

Referências

AKMAN, V.. BAZZANELLA, C. The complexity of context: guest editors' introduction. **Journal of Pragmatics**, p. 35, 2003.

CORNISH, F. Text and discourse: Discourse anaphora and the FDG Contextual Component. In: KEIZER, E.; WANDERS, G. (Eds.). **Web Papers in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam, v. 82, 2009.

DICIONÁRIO de Latim-Português. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

EGGINS, S. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2. ed. London: Continuum, 2004.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: Wittrock, M.C. **Handbook of research on teaching**. New York: Macmillan Publishing Co, 1986.

FAUCONNIER, Gilles. Creativity, simulation, and conceptualization. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 22, n.4, p.615-615, 1999.

FAULSTICH, E. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. **Acta Semiotica et Linguística**, v. 15, p. 191-200, 2010.

FELTES, H. P. de M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FILLMORE, C. J. Scenes and frames semantics. In: SHIBATANI, M.I.; THOMPSON, S. **Essays in Semantics and Pragmatics: in Honor of Charles J. Fillmore**. Amsterdã: John Benjamins publishing company, 1975.

FILLMORE, C. J. Topics in Lexical Semantics. In: COLE, R. **Current issues in Linguistics Theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** 3. ed. São Paulo: Objetiva, 2009.

KILGARRIFF, A., et al. **The Sketch Engine: ten years on.** Lexicography, 2014.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; HALLIDAY, M. A. K. **Systemic functional grammar: a first step into theory.** Higher Education Press: 2009.

MERRIAM, S. **Case study research in education: A qualitative approach.** San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1988.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Caderno de Letras da UFF**, v. 41, p. 93-113, 2010.

REY, A. **Le Lexique: images et modeles du dictionnaire à la lexicologie.** Paris: Armand Colin, 1977.

SILVA, A, S. **A Semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica lexical.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** São Paulo: Contexto, 2012.